ARTE



CONQUISTA

SOLUÇÃO EDUCACIONAL POSITIVO

ENSINO FUNDAMENTAL

6º ANO – 2º VOLUME

EDITORA POSITIVO

Conquista – Solução Educacional Positivo
© texto: Arte. Manisther Motta Bello e Paulo César Motta Bello
© projeto gráfico: Vicente Design
© ilustração de abertura: DKO Estudio
© imagens de abertura de unidade: Shutterstock/Dominique Landau, Shutterstock/Jorisvo, Shutterstock/Tim Stirling e Shutterstock/Mono Collective
© ilustrações: DKO Estudio
Direitos de publicação © 2014 Editora Positivo Ltda.

Diretor-Superintendente	Ruben Formighieri
Diretor-Geral	Emerson Walter dos Santos
Diretora Comercial	Stela Mars Menfrin de Oliveira Macchin
Diretor Editorial	Joseph Razouk Junior
Gerente Editorial	Maria Elenice Costa Dantas
Gerente de Conteúdo	Júlio Röcker Neto
Gerente de Arte e Iconografia	Cláudio Espósito Godoy
Supervisão Editorial	Cristina Kerscher
Edição de Conteúdo e Texto	Emanuella Kalil
Supervisão de Arte	Karina Hollanda
Analista de Arte	Alexandra Mascari Cezar
Edição de Arte	Cassiano Darela
Editoração	Sinel Gráfico
Revisão	Sandra Regina de Souza (Coord.)
	Priscila Rando Bolcato
Pesquisa Iconográfica	André Gustavo Pupo
Engenharia de Produto	Solange Szabelski Druszcz

PRODUÇÃO
Editora Positivo Ltda.
Rua Major Heitor Guimarães, 174 – Seminário
80440-120 – Curitiba – PR
Tel.: (0xx41) 3312-3500
Site: www.editorapositivo.com.br

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica e Editora Posigraf S.A.
Rua Senador Accioly Filho, 500
81310-000 – Curitiba – PR
Tel.: (0xx41) 3212-5451
E-mail: posigraf@positivo.com.br
Impresso no Brasil
1 2 3 5 6 7 8 9 10 11 12

2014
Todos os direitos reservados à Editora Positivo Ltda.

EDITORA POSITIVO

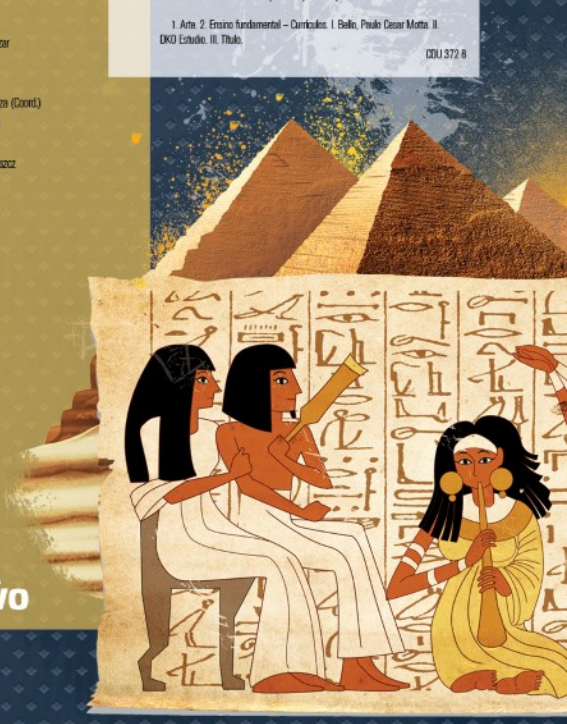
Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
(Maria Teresa A. Gonzati / CRB 9-1584 / Curitiba, PR, Brasil)

B446 Bello, Manisther Motta.
Conquista : Solução Educacional Positivo : arte, 6º ano / Manisther Motta Bello, Paulo Cesar Motta Bello ; ilustrações DKO Estudio. – Curitiba : Positivo, 2014.
v. 2 : il.

ISBN 978-85-385-8243-4 (Livro do aluno)
ISBN 978-85-385-8244-1 (Livro do professor)

1. Arte. 2. Ensino fundamental – Currículos. I. Bello, Paulo Cesar Motta. II. DKO Estudio. III. Título.

CDU 372.8



Sumário

3. ARTE NO EGITO ANTIGO 4

Pintura 5

Arquitetura 8

Dança e teatro 15

Música 16

» Caminho do som 17

» Qualidades do som 18

Elementos expressivos da linguagem visual 21

» Ponto 21

» Linha 22

» Plano 24

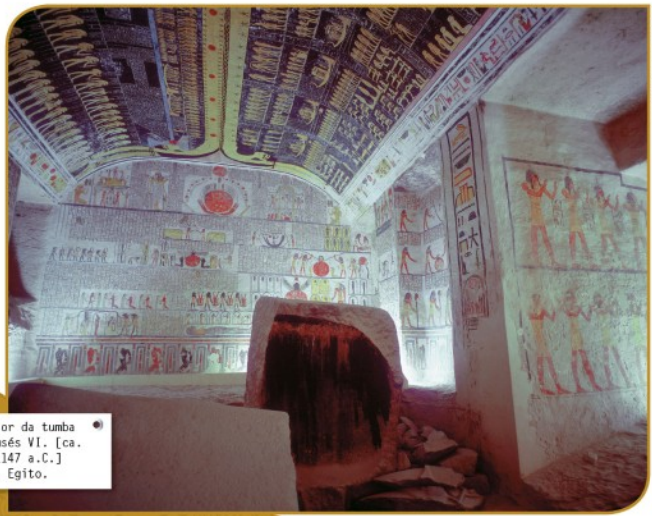
» Volume 24



© Estúdio 2014 digital

3. ARTE NO EGITO ANTIGO

Uma das civilizações mais importantes da Antiguidade foi a que se desenvolveu no Egito. Se hoje podemos estudar suas principais características é, em grande medida, graças ao sistema de escrita que eles criaram. A religiosidade desse povo é outro importante pilar para a constituição de sua cultura e arte – tema do livro que você tem em mãos.



Interior da tumba de Ramsés VI. [ca. 1153-1147 a.C.] Luxor, Egito.

Lothar Beckhoff in Zuderman/Corbis

Os habitantes do Egito começaram a ocupar a região do Vale do Rio Nilo por volta do período inicial do Neolítico, formando pequenas comunidades – os **gens** – e, posteriormente, agregados maiores – os **nomos**. Sua estrutura social e cultural se baseava na agricultura organizada às margens do Nilo. Dos nomos, formaram-se dois reinos, o do vale e o do delta do Rio Nilo, que uma vez unificados constituem o que chamamos de Antigo Egito. Sua história política pode ser dividida em três períodos: Antigo Império, Médio Império e Novo Império, com o poder político, de modo geral, ora descentralizado nas mãos dos nomarcas (governantes locais dos nomos, que continuaram a existir como províncias), ora centralizado na figura do faraó, com os nomarcas lhe prestando serviços.

A arte egípcia era voltada à religiosidade, apresentando figuras e cenas de deuses, seres humanos e animais, com tamanho, forma e proporção repletos de simbolismos. A religião difundia crenças, justificava a organização política e social e interpretava toda a sorte de fenômenos da vida. Tinha-se no faraó a manifestação do poder divino e acreditava-se na vida após a morte, o que explica a grande quantidade de estatuetas e vasos deixados em túmulos, junto aos mortos, e também a existência de construções **mortuárias**, como as pirâmides.

mortuárias: relativas à morte, fúnebre.

perspectiva: técnica de pintura que possibilita a noção de profundidade, ou tridimensionalidade.

Pintura

As pinturas não tinham sombra ou **perspectiva** e obedeciam a convenções de cores rígidas, tais como: vermelho-tijolo para os homens; amarelo-ocre para as mulheres; preto para cavalos, contorno dos olhos, pupilas e íris; verde e azul para detalhes, como colares, árvores, água e animais.



Vale dos Reis/Fotografia Descalvado

Pintura no túmulo de Kâemuaset. Vale dos Reis. Tebas.

Cabeças, pernas e pés eram mostrados de perfil, enquanto olhos, ombros e braços apareciam de frente, seguindo uma forma de representação chamada **Lei da Frontalidade**. O tamanho das pessoas nas pinturas variava em virtude da posição social de cada uma delas: o faraó era representado bem maior, depois vinham, em ordem decrescente, sua esposa, o sacerdote, o escriba, os soldados e o povo.

PARE E REPARE 1

Vamos observar as características que acabamos de estudar nas cenas a seguir. Converse com a turma sobre as cores utilizadas, a proporção dos retratados e a lei da frontalidade. 2



Corel Stock Photos

Cena de caça. Tumba de Nakht, Egito.

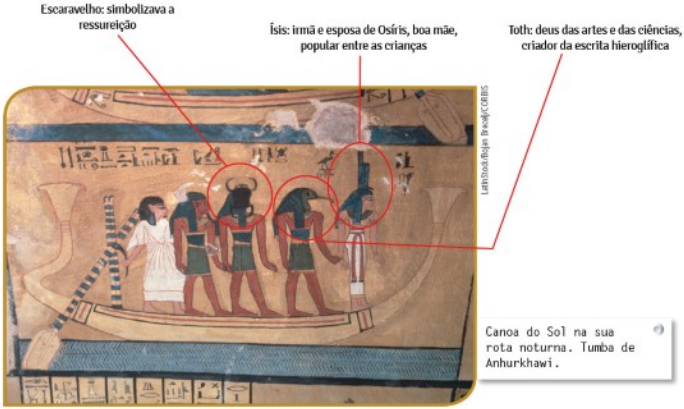
A próxima figura apresenta o copeiro real e sua esposa representados do mesmo tamanho. Discuta com os colegas e professor o que a escolha dessa proporção pode nos contar sobre a diferença de poder entre homens e mulheres na cultura egípcia, de modo geral.



VANNINI/De Agostini/Getty Images

Túmulo do copeiro real Suemnut. Pintura mural de Suemnut e sua esposa, Kat. [18ª Dinastia, 1438-1312 a.C.].

Já na imagem que vem na sequência, é possível verificar o caráter antropozoomórfico da arte egípcia, ou seja, a propriedade que funde homens e animais para representar as características dos deuses da mitologia.



Canoa do Sol na sua rota noturna. Tumba de Anhurkhawi.

PALETA DO ARTISTA

Observando as pinturas da seção anterior, indique na paleta do artista as cores que predominam na arte egípcia. Vermelho-tijolo, amarelo-ocre, preto, azul e verde.



quadrangular: que apresenta quatro cantos.

estrela polar: astro visível apenas no Hemisfério Norte, que funcionou por muito tempo como bússola natural para os navegadores, por apontar sempre o norte.

baixos-relevos: esculturas executadas sobre uma superfície, apresentando alguma saliência.

Arquitetura [3]

Na arquitetura, destacaram-se as construções dos grandes templos e das tumbas com base **quadrangular** e pedras lapidadas. A porta da frente da pirâmide voltava-se para a **estrela polar**, a fim de que sua luminosidade se concentrasse sobre a múmia. As formas piramidais e simétricas foram muito usadas.

O interior dessas pirâmides era um verdadeiro labirinto que levava à câmara funerária. Os objetos e móveis dos faraós eram feitos de materiais como madeiras raras, marfim e metais preciosos. Suas representações demonstram uma postura rígida e em absoluto repouso. As decorações eram feitas com hieróglifos, pinturas e **baixos-relevos**, que costumavam ser muito planos, com, no máximo, 5 cm de destaque.

CURIOSIDADE

Hieróglifos [4]

Os hieróglifos são os sinais utilizados na escrita egípcia para representar tanto imagens (ideogramas) quanto os sons das palavras utilizadas.

Quem decifrou os hieróglifos foi o francês Jean-François Champollion (1790-1832), em 1822, decodificando o enigma estampado na Pedra de Rosetta, peça de basalto famosa que tinha três versões de um mesmo texto. Ele conseguiu explicar os sete hieróglifos que formavam o nome do rei Ptolomeu – ou na sua forma grega, Ptolomaios –, em sinais dentro de um contorno ovalado, que veio a se tornar conhecido por cartouche.



Latinstock/Album/DIA Picture Library

Pedra de Rosetta. Século II a.C. Granito, 114 cm × 72 cm. Londres. British Museum.

PARE E REPARE

Observe com atenção os hieróglifos e as figuras presentes na imagem a seguir.



Latinstock/Radius Images/Radius Images

Homem ajoelha-se ao lado de Osíris. Túmulo de Pashedu. Luxor, Egito.

Com o auxílio do professor, realize uma pesquisa para relacionar os tópicos a seguir aos símbolos e às figuras destacados.

1. Símbolo de eternidade.
2. Osíris: espírito da vegetação que morre para renascer sem cessar. Também conhecido como deus dos mortos.
3. Pilar Djed: estabilidade. Simbolizava, na morte, a estiagem e, no renascimento, a cheia do Nilo.
4. Udjat: olho de Hórus. Símbolo de proteção e poder.



(3)



(4)



(1)



Fotos: Latinstock/Radius Images/Radius Images

(2)

PALETA DO ARTISTA

Na atividade anterior, vimos exemplos de símbolos utilizados pelos egípcios para retratar sua cultura. Agora é sua vez de criar alguns que representem aspectos de nossa atual realidade. Você pode começar pensando sobre o seguinte tema: a relação de homens e mulheres contemporâneos com a natureza e a tecnologia. Desenhe-os nos quadros a seguir e escreva nas linhas o significado de cada um deles.

A imagem a seguir é, provavelmente, a mais conhecida da arquitetura egípcia. São as pirâmides de Gizé, construídas por importantes reis do Antigo Império, Quéops, Quéfren e Miquerinos, para abrigar seus restos mortais. Destacam-se o desenvolvimento de tecnologias para a sua construção e a capacidade científica para a elaboração dos projetos arquitetônicos.



© Shutterstock/Colpaert

Pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos, no deserto de Gizé [ca. 2600 a.C.-2500 a.C.].

CURIOSIDADE

A maior das três pirâmides, a de Quéops, mede 146 metros de altura, o que equivale a aproximadamente um prédio de 45 andares. O mais impressionante é que não existe nenhum tipo de argamassa entre os blocos de pedra que a compõem.

Foram necessários 4 mil operários para carregar blocos de até 15 toneladas, sem ajuda de animais ou máquinas. Vinte e três anos foram necessários para construí-la, sendo que na época o tempo médio de vida era de 35 anos.

É importante salientar que essas construções são túmulos, onde foram depositadas as múmias dos faraós. Eles acreditavam em vida após a morte. Em função dessa crença, precisavam levar todas as riquezas que possuíam.

incomensurável: algo que não pode ser medido, dada a sua grandeza ou importância.

Os artistas egípcios pintavam nas paredes dos corredores das pirâmides a história do faraó e de seu povo. O objetivo dessas pinturas era lembrar ao faraó, quando chegasse à outra vida, como tinha sido sua existência. Além das pirâmides, os egípcios construíram muitos templos e esculturas. Como vimos, a arte desse período teve importante função religiosa, o que justifica a grandeza e a **incomensurável** quantidade de recursos utilizados.



© Shutterstock/Nestor Noel

Portão principal do Templo de Ísis, na ilha de Philae, com baixos-relevos de Ísis, Hórus e faraó. [30ª Dinastia, 380 a.C.-300 d.C.].

Próximo às três pirâmides que acabamos de estudar, está uma das esfinges mais conhecidas do Egito. Seu rosto representa o do faraó Quéfren, que resolveu colocá-la de guarda junto ao seu conjunto funerário. Com 70 metros de comprimento e 20 metros de altura, apresenta um pequeno templo entre as patas. O desgaste natural do tempo (imagine, ela existe há mais de 4 600 anos!) lhe conferiu um aspecto misterioso.



© Shutterstock/Pio Lee

Esfinge do faraó Quéfren [ca. 2600 a.C].



Lebrecht/Album/Orontes/Album Art

SARCÓFAGO de Canciller Imeneminet. [ca. 700-500 a.C.] 1 madeira estucada e pintada, color., 188 cm de altura. Museu do Louvre, Paris.



© Shutterstock/Vadim Wrangel

NEFERTITI. [ca. 1360 a.C.] 1 calcário policromado, 50 cm de altura. Museu egípcio, Berlim.



Grupo keystone/Werner Forman Archive

Hator: deusa do amor, da felicidade, da dança, da música, simbolizada pela vaca.

Escolha uma obra reproduzida na galeria de arte do seu livro. Observe-a com atenção e escreva suas impressões sobre ela. De acordo com os conceitos estudados neste volume, reflita sobre as cores utilizadas, as figuras e o tema retratados, bem como sobre seu contexto histórico. Se necessário, pesquise em livros para aprofundar o estudo, lembrando que o título da obra é um excelente ponto de partida para sua análise!

Pessoal.

Linha do tempo

Vamos relembrar o que estudamos até agora? Observe a linha do tempo.



Lathistock/Album/akg-images/Werner Forman

Pente de osso coroado com uma representação estilizada de uma gazela ou um animal com chifres semelhantes. [Período pré-dinástico, ca. 3500 a.C.] Altura: 17 cm. Naqada, Egito.



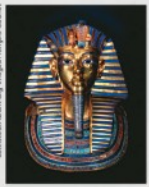
Corel Stock Photos

Pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos, no deserto de Gizé [ca. 2600-2500 a.C.].



Museu do Louvre/Fotografia: Documento

Escriba sentado. [ca. 2700-2200 a.C.] Museu do Louvre, Paris.



Lathistock/Album/akg-images/François Guénet

Máscara de ouro do faraó Tutancâmon, presente em sua urna funerária. [18ª Dinastia, ca. 1346-1337 a.C.] 54 cm × 39,5 cm.

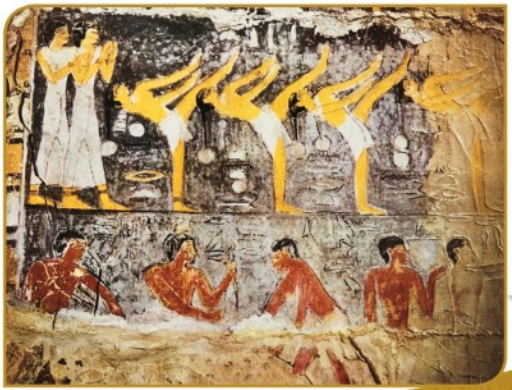
Veja a seguir as principais características da arte egípcia:

- arte antropozoomórfica – funde formas humanas e animais para representar as características dos deuses da mitologia;
- integração pictórica – relevos e hieróglifos integrados à arquitetura, escultura e pintura na decoração de interiores;
- predomínio de formas geométricas, piramidais e simétricas;
- arte estática – pouco ou quase nenhum movimento;
- simbologia de gestos e formas (por exemplo, a posição dos pés: quando desenhados para o lado, representavam alguém vivo; pés juntos, um morto);
- representação não naturalista da figura humana, sem sombra;
- lei da frontalidade – cabeça e pernas mostradas de perfil; olhos e tronco, de frente;
- tamanhos diferentes das figuras humanas em função da posição social;
- na arquitetura: construções de grandes dimensões, base quadrangular, pedras lapidadas, porta da frente voltada para a estrela polar, formas piramidais e simétricas.

Dança e teatro 6

As danças e representações dramáticas foram expressões da cultura egípcia da Antiguidade. Especialmente destinadas a exaltar as divindades de sua mitologia em celebrações religiosas, também estavam presentes em festas e festivais. Foram encontrados papiros com registros de homens e mulheres tocando e dançando juntos, mas **afrescos** de tumbas revelam que isso raramente acontecia. Existiam também as dançarinas que acompanhavam os funerais. Nas cerimônias, elas usavam coroas vermelhas e uma roupa específica para essa ocasião.

afrescos: pinturas em mural, em que tintas diluídas em água eram aplicadas em argamassa fresca, de modo que, quando a argamassa secasse, a tinta fosse incorporada à superfície.



Moças executando danças acrobáticas.

Segundo os estudiosos do Egito pré-dinástico (anterior aos faraós), a dança servia para celebrar a vida e a fertilidade e era dançada em segredo pelas sacerdotisas, em devoção à Ísis. Os movimentos, as figuras e os passos executados da coreografia narravam as histórias dos deuses, representavam os quatro elementos, o movimento dos animais (gato, camelo, serpente) e a natureza (folhas, ondas, árvores). No tempo dos faraós, a dança fazia parte das cerimônias, dos aniversários, dos nascimentos e dos funerais, deixando de ser somente executada pelas sacerdotisas e abrangendo todas as castas.

Música 7

A música era fundamental para a sociedade egípcia. Naquela época, não existiam partituras musicais, como hoje, e as músicas eram transmitidas oralmente. Pode-se saber mais sobre essa arte por meio dos textos que registram as cerimônias religiosas.

Os estudiosos acreditam que dois sacerdotes alternavam o canto, combinando os solos com as sacerdotisas que representavam a deusa. Os hieróglifos e baixos-relevos encontrados também mostram instrumentos, como tamborins, harpas, címbalos, sistros, flautas e a charamela dupla, de cana. Há registros também do uso de uma corneta ou trombeta de cobre ou prata nos desfiles militares.

A partir do século XVI a.C., os egípcios entraram em contato com a Mesopotâmia, passando a ter acesso a novos instrumentos asiáticos, como o oboé duplo. Com eles, vieram outras formas musicais, com o principal diferencial de serem executadas em festas ou bailes. Era uma música muito animada e mais rápida que aquelas dos impérios Antigo e Médio. No Império Novo, surgiram também instrumentos, como as harpas angulares de caixa harmônica alta.



Latinstock/Sandro Vannini/Corbis

Músicos de Amon, tumba de Nakht. 18ª Dinastia, Tebas Ocidental.

Com as transformações políticas do período, a cultura egípcia e as invenções musicais de sua civilização foram sendo transmitidas aos gregos, adquirindo novas formas e espalhando-se por diversas civilizações. Alguns estudiosos da música acreditam, ainda, que Pitágoras, o matemático grego educado nos templos do Egito, fundou a **teoria matemático-musical**, com base na ciência musical egípcia.

Pitágoras desenvolveu, por volta de 540 a.C., uma relação matemática precisa entre as notas de uma escala musical. Ele descobriu que há intervalos exatos entre uma nota e outra. Por exemplo, entre sol e dó (na escala de dó: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó) há um intervalo de quinta, representado pela razão 3:2. Suas descobertas são usadas ainda hoje, mais de 2 500 anos depois.

Caminho do som 8

Estamos cercados de sons por todos os lados. Todos os sons que nossos ouvidos percebem são produzidos por vibrações, ou seja, por movimento.

O som é um fenômeno acústico que acontece pela propagação de ondas sonoras provocadas pela vibração de um corpo qualquer. Essas ondas se propagam em meios elásticos, como o ar e a água.

Fonte sonora é todo material ou matéria que propague o som produzido por objetos, pela natureza, pelo corpo humano, por instrumentos. Costumamos diferenciar os sons em naturais e culturais:

- **sons naturais**: aqueles produzidos pela natureza, como os do vento, da chuva e dos pássaros;
- **sons culturais**: aqueles que são fruto da ação do ser humano: ruído de carros, músicas, etc.

Um som será produzido quando vibrarmos (movimento de vaivém) um corpo. Cada corpo produz um som diferente, a depender do material que o constitui e da maneira como acontece sua vibração. O som se propaga pelo ar em forma de ondas, que são capturadas pelos nossos ouvidos e, em seguida, interpretadas pelo cérebro.

Ladrstock/Werner Forman/Akg-Images



Dançarinas, tumba de Nebamum. [18ª Dinastia, ca. 1390 a.C.].

Qualidades do som 9

Uma das áreas que estuda os sons é a Acústica. Por meio dela, podemos afirmar que todos os sons que nos cercam apresentam cinco qualidades fundamentais: **intensidade**, **duração**, **altura**, **timbre** e **densidade**.

Intensidade: sons fortes e fracos.

A intensidade nos permite distinguir sons fortes e fracos, ou seja, a força empregada para produzir as vibrações do som e o volume sonoro produzido. Por exemplo, quanto mais força eu uso para tocar a tecla de um piano, mais intenso ou forte será o som ouvido. Se, ao contrário, eu pressionar levemente uma tecla, mais suave ou menos intenso será o som.

Duração: sons longos e curtos.

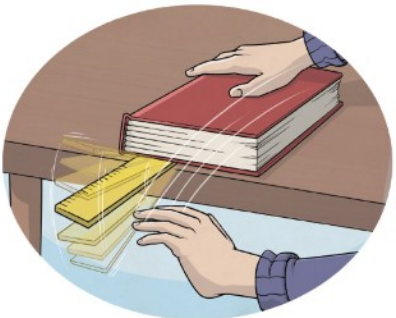
A duração é a característica do som que diferencia sons longos e curtos. Na música, a duração do som depende do tempo das vibrações.

Altura: sons agudos e graves.

A altura é uma qualidade do som que oscila entre sons graves e agudos. A altura depende da frequência, ou seja, do número de ondas que um som produz. Os sons mais graves têm pouca vibração, ou frequência mais baixa que a dos sons agudos. Observe:



Grave: pouca vibração



Agudo: muita vibração

DKO Estúdio. 2014. Digital.





O mugido do boi é um som grave, já o canto da maioria dos pássaros é considerado um som agudo.

Timbre: qualidade que permite identificar uma fonte sonora.

O timbre permite reconhecer se um som é o canto de um pássaro, um ruído, uma batida na porta, uma voz familiar ou um instrumento, por exemplo.



A voz humana, a flauta e o contrabaixo apresentam timbres bem diferentes entre si.

Densidade: relaciona-se à quantidade de sons ouvidos.

A densidade possibilita identificar a quantidade de sons ouvidos simultaneamente. Obras para orquestras sinfônicas, que contam com muitos instrumentos, apresentam uma grande densidade sonora.

10 Como vimos, para produzir sons com qualquer objeto, basta fazer com que seu material vibre, seja por meio de percussão (batendo), fricção (esfregando) ou sopro.

Vamos experimentar?

Selecione objetos que você costuma utilizar no cotidiano e investigue que sons é possível produzir. É importante que eles possam ser reproduzidos com facilidade, pois vamos criar um *podcast* com eles. Você sabe o que é isso?

Saiba mais

Podcast é um arquivo de áudio ou vídeo digital, geralmente em formato MP3 ou MP4, publicado na internet. São espécies de programas que se podem ouvir ou assistir a qualquer momento, baixando-os no computador e transferindo-os para aparelhos diversos, como os tocadores de música e vídeo digitais.

Para produzir um *podcast*, siga os seguintes passos:

a) Com um celular, gravador digital ou aplicativo de computador, faça a gravação dos sons pesquisados por vocês, organizando arquivos sonoros de fontes diversas, como: passos, papel rasgando, buzinas, plástico amassando, vidros batendo, vozes, canto de pássaros, latidos e sons da natureza.

b) Agora, utilizando um programa de edição de áudio, criem uma sequência de sons isolados e em conjunto, explorando as qualidades do som que acabamos de estudar: o timbre, a intensidade, a altura, a duração e a densidade.

Atividade 11

Para escutar uma música também é necessário conhecimento. Ouvir procurando identificar e analisar os elementos formadores da música que acabamos de estudar é uma boa maneira de aprofundar a escuta musical.

Ouça com atenção a música que seu professor vai colocar. Em uma segunda audição, tente registrar, graficamente, os parâmetros do som que conseguir perceber.

Intensidade

Duração
Altura
Timbre
Densidade

Elementos expressivos da linguagem visual [12]

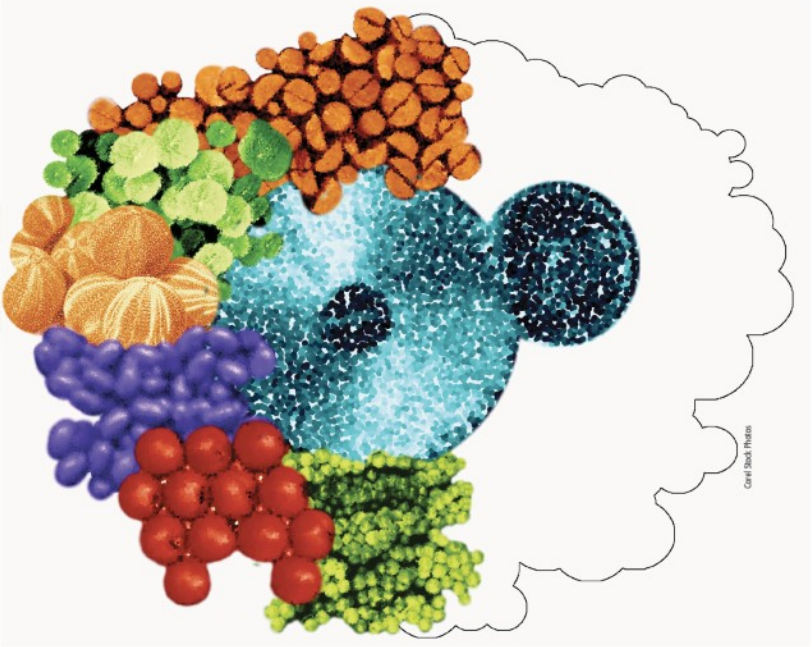
Assim como temos os elementos básicos do som, que tal pensarmos sobre aqueles que constituem as formas visuais? São eles: o ponto, a linha, o plano e o volume.

Ponto

O ponto é um sinal gráfico. Não tem dimensão, nem forma predeterminada, podendo ser arredondado ou de outra forma qualquer. Embora seja a unidade mais simples de comunicação visual, exerce grande atração sobre o olhar. Ele está presente em muitos contextos do nosso cotidiano.

ARTE NA PRÁTICA

Complete o espaço vazio com elementos ou figuras que mostrem o ponto na natureza, na arte, nos objetos.



Linha

É o ponto em movimento, ou o registro da trajetória de um ponto, ou ainda uma sequência de pontos justapostos. A linha não apresenta espessura definida. Pode ser fina, média ou grossa; reta, curva ou mista. Na tela de Basquiat, elas compõem formas elementares ou básicas, como o triângulo e o círculo. Observe a seguir.



BASQUIAT, Jean-Michel. *Bruno in Appenzell*. 1982. 1 acrílica e óleo em barra em tela sobre madeira, color., 139,5 cm x 139,5 cm. Coleção Bruno Bischofberger, Zurique.

ARTE NA PRÁTICA

Componha uma linha com fios, barbantes, retalhos e plásticos diferentes. Explore os efeitos de diferentes texturas.



Plano

Podemos considerar como plano uma dada superfície, uma folha de papel, por exemplo. Os planos apresentam duas dimensões, podendo ser retos ou curvos. Observe na imagem: o plano de cima, em azul-escuro, que se assemelha a um olho, é curvo. Já o plano que aparece embaixo, em amarelo, é reto.



P. Imagens/VIMO-MOACIR FRANCISCO

Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Paraná.

Volume

Quando juntamos planos, acabamos por criar volumes, veja:



© Shutterstock/William Perugini

DKO Estúdio. 2014. Digital.

Museu do Louvre, Paris, França.

Nas pirâmides, como a do Museu do Louvre, podemos detectar quatro planos em forma de triângulo e um em forma de quadrado (base da pirâmide).

Volumes na arte

Você observou, nas imagens anteriores do Museu Oscar Niemeyer e do Museu do Louvre, o volume na arquitetura. Veja agora alguns exemplos de como o volume aparece em outra linguagem artística, a da escultura.



Grupo Keystone/Werner Forman Archive/Courtesy Entwistle Gallery, London

Exemplar da arte baga (Guiné, África), essa grande máscara representa a fertilidade da mulher e da terra. Em cerimônias agrícolas, as mulheres as colocavam sobre os ombros, enxergando por meio de um buraco entre os seios esculpidos.



Local de custódia não identificado

GIACOMETTI, Alberto. *Homem caminhando*. 1960. 1 escultura em bronze, 183 cm.



Fábio Colombini

Cerâmica marajoara. Belém, Pará.

ARTE NA PRÁTICA 13



ROSÁRIO, Arthur Bispo do. *Talheres*. [S. d.] 84 talheres em metais variados, duas caixas de papelão, plástico, pregos, fita de tecido e fórmica. 197 cm x 70 cm. Museu Nise da Silveira, Rio de Janeiro.

A obra *Talheres*, de Arthur Bispo do Rosário, não é uma escultura, nem uma obra arquitetônica, entretanto, tem a tridimensionalidade como elemento importante. Ela é um exemplo de que podemos utilizar o volume da maneira que desejarmos para expressar nossas ideias.

Utilizando materiais alternativos, como fez Bispo do Rosário, crie uma obra tridimensional que expresse seus conhecimentos a respeito de ponto, linha, plano e volume. Registre todo o processo de construção do trabalho no seu dossiê da arte. Lembre que você pode utilizá-lo para materializar suas primeiras ideias ou colar uma fotografia do trabalho concluído. Ao final, organize com seus colegas e seu professor uma exposição dos trabalhos.

Escreva, no espaço a seguir, um breve comentário sobre os materiais utilizados, o desenvolvimento da obra e os resultados obtidos.

Pessoal.

Catálogo do artista 14

Arthur Bispo do Rosário nasceu em Japaratuba, Sergipe, no ano de 1911. Foi lutador de boxe, marinheiro e artista. Em 1939, foi internado no Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, com o diagnóstico de esquizofrenia. Bispo passou boa parte de sua vida nesse hospital, quase sempre em um pequeno quarto, recriando seu universo por meio de obras de arte, mais tarde reconhecidas internacionalmente. Essas obras foram expostas em eventos de artes visuais, como a Bienal de Veneza de 1995. O artista criou mais de mil peças, entre mantos e telas bordadas. Ele morreu em 1989 e dizia-se um enviado de Deus, com a missão de reconstruir o universo a partir de si próprio. E assim o fez. De quinquilharias, sucatas, canecos de plástico, utensílios desviados do asilo, peças de vestuário, entre outros pertences, nasciam as obras de arte de Arthur Bispo do Rosário.



© Wilmecila Commons/Raimundo Gutinho

Estátua de Arthur Bispo do Rosário em sua cidade natal, Japaratuba - SE.

PARE E REPARE

Observe como nesta obra Bispo do Rosário utilizou linhas, pontos e texturas para expressar suas ideias.



Museu Bispo do Rosário/Fotógrafo Desconhecido

BISPO DO ROSÁRIO, Arthur. *Manto da apresentação*. [S.d.] Tecido e fio. 118,5 cm × 141 cm × 20 cm. Museu Bispo do Rosário, Rio de Janeiro.

O *Manto da apresentação* é uma peça marcante no trabalho do artista. Analise-a com atenção e escreva uma frase, um verso ou algumas palavras que expressem suas impressões sobre ela.

Pessoal.

Atividade

Com base nas obras que você observou, tanto as de Bispo do Rosário quanto outras de seu livro, discuta com seus colegas e seu professor a importância de se conhecer elementos como o ponto, a linha, o plano e o volume para o fazer artístico.